

CONSTRUIR PALMAS? uma análise da construção da capital do Tocantins

BUILDING PALMAS? a capital construction analysis of Tocantins

BATÎR PALMAS? une analyse à la construction de la capital de Tocantins

Eliseu Pereira de Brito

Professor Assistente da Universidade Federal do Tocantins
Av. Paraguai esquina com a Rua Uxiramas, s/n. Araguaína-Tocantins
CEP: 77.800-000
E-mail: eliseubrito@uft.edu.br

Resumo

Este trabalho tem por objetivo principal analisar, a partir de uma leitura no nome da Praça do Sol, que posteriormente veio a ser a Praça dos Girassóis, o processo de construção da cidade de Palmas, através de seus símbolos materializados nas construções e representações nesta praça. Leituras de Bourdieu (1998), Harvey (1979) e Choay (1979) possibilitaram nortear a pesquisa para entender o significado dos nomes dados a esta praça relacionando-os com a estratégia de implantação da cidade de Palmas. Entendeu-se, no trabalho, que as cidades ‘pós-modernistas’, se é que se pode chamar o plano urbanístico de Palmas, são em si contraditórias, pois sua materialidade é instável, é moldada pelo imitar das imagens da mídia, podendo ser mudadas ao apertar de um botão, serem adaptadas onde e como se quiser. O sol e os girassóis, utilizados para nomear a principal praça da cidade, receberam significados que traduzem a ansiedade dos planejadores e construtores de Palmas. Os objetivos foram mutantes de acordo com as estratégias que possibilitaram Palmas se consolidar como cidade. Neste norte, não é mais plantar girassol que simboliza o nome da praça, antes, é uma singularidade aceita pelos moradores da cidade, induzidos por um conjunto de artífices. Este olhar permitiu que fosse discutido pontos que traduzem o objetivo dos idealizadores de Palmas.

Palavras-chave: Criação de Palmas - Tocantins, Cidade Planejada, Símbolos Arquitetônicos, Ocupação Espacial, Desenvolvimento Regional

Abstract

This paper aims in analyzing, from a kind of a reading named “Praça do Sol” (Sun Square), which later on became “Praça dos Girassóis” (Sunflowers Square), the building process of Palmas city, through its symbols and representations embodied in the buildings in this square. Readings of Bourdieu (1998), Harvey (1979) and Choay

(1979) have allowed guiding the search to understand the meaning of names given to this square relating them to the deployment strategy of the Palmas city. It would appear, at this work, which cities 'postmodernists', if one can call the urban plan of Palmas, in themselves are contradictory, because its materiality is unstable, and it is shaped by the media images imitation, and may be changed at the push of a button will be adapted where and how they want. The sun and the sunflowers, used to name the main town square, which were meant to reflect the anxiety of the planners and builders of Palmas city. The objectives were mutated according to the strategies that enabled Palmas to consolidate as a city. In the north, is no more sunflower plant that symbolizes the name of the square, rather, it is a singularity accepted by the residents, induced by a group of artisans. This look has allowed discussing points that reflect the goal of the creators of Palmas city.

Keywords: Palmas Foundation - Tocantins, Planned City, Architectural Symbols, Spatial Distribution, Regional Development

Résumé

Cet article vise à analyser, à partir d'une lecture au nom de "Praça do Sol" (Place du Soleil), qui devient plus tard la "Praça dos Girassóis" (Place des tournesols), le processus de construction de la ville de Palmas, à travers ses symboles et représentations incarnée dans les bâtiments de cette place. Lectures de Bourdieu (1998), Harvey (1979) et Choay (1979) a permis de guider la recherche de la signification des noms donnés à cette place en les reliant à la stratégie de déploiement de la ville de Palmas. Il semblerait, au travail, qui «postmodernes» villes, si on peut appeler le plan d'urbanisme des Palmas, en eux-mêmes sont contradictoires, parce que son matériel est instable, est façonnée par l'imitation des images des médias, peut être changé à la pression d'un bouton sera adapté où et comment ils veulent. Le soleil et le tournesol, utilisé pour nommer la place principale, qui visaient à tenir compte de l'inquiétude des planificateurs et des constructeurs de Palmas. Les objectifs ont été mutés en fonction des stratégies qui ont permis de consolider Palmas comme une ville. Dans le nord, n'est pas une plante de tournesol qui symbolise plus le nom de la place, plutôt, une singularité est acceptée par la ville, induite par un groupe d'artisans. Ce regard a permis des points de discussion qui reflètent l'objectif des créateurs de Palmas.

Mots-Clés: La Création de Palmas - Tocantins, La Vile Planifiée, Ses Symboles Architecturaux, L'occupation de L'espace, Le Développement Régional

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar o significado da construção da cidade de Palmas a partir das estratégias criadas pelos seus governantes à época de sua criação. Tal análise nos permitiu identificar que este processo se refletiu no nome da sua principal praça, a Praça dos Girassóis, na cidade de Palmas, Tocantins.

A partir de uma leitura das obras de Bourdieu (1998), Choay (1979) e Harvey (1989) foi possível nortear nossa análise sobre o tema aqui proposto e alcançar os resultados objetivados no trabalho.

A cidade de Palmas foi criada após a conquista Norte Goiana, da divisão do Estado de Goiás em 1988, o que resultou no Estado do Tocantins, situado o tórrido torrão enclausurado pelo Rio Tocantins e pela Escarpa do Lajeado. Sobre antigas fazendas, a cidade foi construída para ser a sede do governo estadual, possibilitando emergir uma cidade nodal na rede urbana do Tocantins. Sobre os traços pós-moderno a cidade desenhada nos entremeios de uma paisagem composta por árvores de troncos tortuosos, devastadas para compor um cenário que continha em sua autoridade o poder e a estratégia política, saía dos traços pretos que compunham os riscos daquilo que se dizia ser a cidade para os marcos feitos com piquetes, desenhados pelo trator sobre o solo e formatado por idéias desenvolvimentistas; Palmas emergia como um novo Eldorados no portal da Amazônia.

A construção desta cidade foi marcada por alguns pontos que vão redesenhar seu planejamento inicial, que era de ser um pólo irradiador de desenvolvimento. É neste direcionamento que se torna importante aqui, não discutir a cidade como um todo, mas a Praça do Sol, ou a Praça dos Girassóis, com o fim de buscarmos entender o sentido de se criar Palmas.

Do planejamento à construção da praça

Quando falamos sobre o planejamento da cidade de Palmas, em certo ponto colocamos em ênfase que se trata de uma cidade pensada em meses, dentro de um escritório composto por alguns especialistas em arquitetura e engenharia. A forma de concepção da cidade ficou muito direcionada para uma abstração daquilo que se imaginava ser a cidade. No centro deste plano uma praça, originalmente chamada Praça do Sol.

Do sol por entender ser ali o local da irradiação de um novo tempo. O sol que simboliza "resplendor, luz, princípio ou idéia que exerce grande influência: onde o sol do entendimento foi mais remisso em despontar". (GARCIA, 1970, p3408). Símbolo de

esperança de um futuro promissor, a Praça do Sol era imaginada sobre as pranchetas, pois dela emanaria as decisões políticas que iria irradiar para a população tocantínia.

Mas 'alguém', olhando para o projeto da praça e provavelmente inconsciente, ao invés de ver o sol, ver girassóis e, então, o sol foi trocado pelo girassol. O girassol que tem "este nome porque suas flores giram, seguindo o movimento do sol, num heliotropismo positivo" (BARSA, 1988, p226). Não tem mais o significado da luz (Sol) que raiaria sobre a cidade, mas uma flor, que receberia a luz para viver, o girassol.

Buscando outros significados para o girassol, encontramos: "es planta anual que se desarrolla com rapidez" (FRAGOSO, S/D, p.436). Fazendo uma analogia entre a descrição de Fragoso (S/D) e o objetivo imposto sobre a ocupação do espaço urbano da cidade, vemos que esta obedeceria a uma prática que acreditava na ocupação rápida de Palmas. Cidade que chegaria, nos meados da década de 1990, com mais de meio milhão de pessoas vivendo em seu perímetro urbano.

A Praça dos Girassóis teve desde o início da criação de Palmas sua importância como lugar de decisões políticas, local onde está os prédios públicos. Nos primeiros anos de implantação da cidade, não se tinha uma praça, mas um terreno aplainado, cheio de barracos feitos de madeiras que abrigavam os trabalhadores dos prédios públicos. Com o asfalto da Avenida Teotônio Segurado e Avenida JK, criou-se um grande balão, tendo o Palácio Araguaia como torre da construção da capital. Não mais a poeira se levantava, mas um gramado verdejante se espalhava sobre o solo descoberto, trazendo um sentimento de harmonia com a natureza.

Em 1993, o primeiro prefeito eleito de Palmas, Eduardo Siqueira Campos, tomou posse e iniciou uma exaltação sobre o símbolo do girassol, plantando esta flor em alguns pontos estratégicos da cidade. Os espaços foram invadidos pela flor, não mais o verde compunha o cenário da paisagem, mas o amarelo dominava-o.

Como o homem criador da cidade e possuindo o poder de governador, José Wilson Siqueira Campos começou a exaltar a flor em seu discurso. Parafraseando Bourdieu (1998), encontramos a seguinte afirmação:

o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma *illocutionary force*, mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, (...). o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem,

poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daqueles que as pronuncia. (BOURDIEU, 1998, p.15).

A Praça do Sol ficou apenas como objetivo, um projeto inacabado de uma ansiedade de se ver construir uma cidade que trouxesse uma dinamização na economia urbana, possibilitando adiantar o relógio do atraso (crise econômica) em que vivera o antigo Norte Goiano, desde o fim dos garimpos do ouro, para uma época áurea, para a economia do Estado. Mas esta praça ficou apenas no projeto, poucas pessoas em Palmas saberiam responder sobre ela, pois o girassol recebeu uma simbologia que passou a representar a cidade. Lynch *apud* Choay (1979), sobre a temática em discussão, faz a seguinte consideração:

na medida em que a constituição da imagem é um processo dialético que implica observador e observado, é possível reforçar a imagem, seja pelo uso de instrumentos simbólicos (planos e cartazes), seja pelo treino do observador, seja ainda pelo remodelamento do meio ambiente. (LYNCH *apud* CHOAY, 1979, p312).

Sem a mínima reação política ou social o então governador Siqueira Campos conseguiu mudar o nome da Praça do Sol contido no planejamento para Praça dos Girassóis. Isso implica dizer que o poder das palavras é dado por quem as pronuncia, mas depende de um consenso, porque é uma adesão, ou seja, o símbolo girassol não tem valor em si, mas o valor é estabelecido pelas relações que os sujeitos (moradores de Palmas) estabeleceram em torno dele sobre a praça. Este processo se deu simultâneo a plantação dos girassóis, mas não se deu apenas pelos girassóis, ou seja, pela fonte de origem, mais pelo consenso político que emanou por meio do *marketing* para os emanados que foram os moradores da cidade que compunham o campo de poder.

Mas o poder simbólico passa por metamorfose do tempo e não será mais o plantar girassol que produzirá o sentimento da praça dos girassóis, mas é bom grifar, conforme propõem Lynch *apud* Choay (1979), que “cada habitante teve relações com partes definidas de sua cidade e a imagem que tem dela está banhada de lembranças e significações” (LYNCH *apud* CHOAY, 1979, p. 308). Ainda contribuindo para o pensamento, Bachelard (1984) faz a seguinte afirmação: “as lembranças são imóveis e tanta mais sólidas quanto mais bem especializadas” sic (BACHELARD, 1984, p. 203). As grandes imagens têm uma história, mas, também, uma pré-história, ao mesmo tempo

em que temos lembranças, vivemos lenda, “nunca se vive uma imagem em primeira instância” (BACHELARD, 1984, p. 218), mas é sobre o fundo onírico que o passado individual colorirá a imagem.

Ao se pronunciar a Praça dos Girassóis na atualidade, isso produz uma lembrança do amarelão decorado pela flor que enfeitava os arredores do palácio. Mas não é mais possível enxergar um girassol sequer nos canteiros públicos de Palmas.

Do símbolo ao significado

Não é mais o plantar girassol que simboliza o nome da praça, antes, uma singularidade aceita pelos moradores da cidade, induzidos por um conjunto de artifícios emanado, principalmente, pelo poder público estadual, representado pelo ‘grande herói’, o governador Siqueira Campos.

Por se tratar de uma cidade modernista, onde o desenho urbano é uma percepção de quem a planeja. Kropotkin *apud* Choay (1979) afirma: “não se legisla o futuro e tudo o que se pode fazer é adivinha as tendências essenciais e limpar o caminho para elas” (KROPOTKIN *apud* CHOAY, 1979, p.153). Sendo assim,

elimina qualquer detalhe anedótico em proveito de formas simples, despojadas, onde o olho não possa tropeçar em nenhuma particularidade; trata-se, de certa forma, de construir o quadro o priori de qualquer comportamento social possível. (KROPOTKIN *apud* CHOAY, 1979, p23).

Vale ressaltar que o planejamento modernista não tem como alvo o fim do particularismo individual, antes, o reforça; mas despoja do particularismo coletivo.

Tecendo críticas sobre o planejamento progressista de Brasília, Choay (1979) coloca com perplexidade a banalidade do planejamento desta cidade. Os planejadores de Brasília, brincando com blocos em suas maquetes ao sabor do humor ou da fantasia, deslocavam de um lado para outro estes para proporcionar um melhor símbolo ao espetáculo arquitetônico modernista como inovador, e chegavam a dizer que “a reta é sadia também para a alma das cidades. A curva é prejudicial, difícil e perigosa; ela paralisa” (JEANNERET *apud* CHOAY, 1979, p.188).

Uma cidade sobre as retas, assim também foi a concepção do plano de Palmas. As curvas saíram de seu projeto. Os cruzamentos são feitos nas grandes rotatórias e em seu eixo principal; os semáforos organizam o trânsito.

Iara Vicentini (2004), referindo-se ao plano urbanístico, afirma que ele “contém a maioria dos ingredientes modernistas” (VICENTINI, 2004, p.244), mas ressalta que ele foi um “modelo modernista, fora do lugar e do tempo, (...) lembrando mais uma insensatez da razão” (VICENTINI, 2004, p. 248). Apesar de um dos seus planejadores dizer que “não existe aquele conceito de rua onde todo mundo passa” (PINHEIRO, 1997, p7), Palmas também é um projeto de influência das idéias de Le Corbusier (modernista) e isso pode ser constatado pelas idéias acima e pela palavra do seu idealizador quando afirma que “a palavra rua simboliza em nossa época, a desordem circulatória” (JEANNERET, 1984, p.81). Não conseguimos ver em Palmas aspectos puramente modernistas, é verdade, mas um ecletismo.

Há uma ruptura com a idéia de desenvolvimento centrado em planos racionais e eficientes na cidade, ou seja, uma ruptura com a Escola Modernista Progressista de Le Corbusier.

Os espaços da cidade tornam-se efêmeros; os espaços da particularidade, da singularidade e até da monumentalidade da arquitetura passam a ter importância nos projetos, dentro de uma concepção de grupo (coletivo). A arquitetura pós-modernista não pretende impor soluções (ela é antivanguardista) e tem alguns autores, como Baudelaire, que afirmam que esta arquitetura busca a memória coletiva, agregada ao historicismo. Portanto, as cidades pós-modernistas são, em si mesmas, contraditórias, pois a materialidade é instável, é moldada pelo imitar das imagens da mídia, podendo ser mudadas ao apertar de um botão, serem adaptadas onde e como se quiser.

Refletindo sobre o pensamento de David Harvey (1989), podemos afirmar que o pós-modernismo é eclético e produz uma intensidade de esforço na imagem, provocando perplexidades, mas também popularização, a fim de conciliar a vida das pessoas ao não estranhamento do cenário. Neste norte, possibilitado por Harvey (1989), tornou-se possível pensar os monumentos da Praça dos Girassóis imbuídos em um contexto simbólico para a estratégia da construção de Palmas.

Monumentos e planejamento

O primeiro marco histórico da construção de Palmas foi o levantamento de uma cruz de Pau Brasil no alto da colina, na Praça dos Girassóis. Como afirma Brito (2005),

as 6 horas e 45 minutos do dia 20 de maio de 1989, o deputado Siqueira Campos mais uma multidão de pessoas chegou ao local em que mandou erguer uma cruz de pau Brasil, onde, o Bispo da Diocese de Porto Nacional, D. Celso Pereira de Almeida celebrou a missa do batismo de Palmas auxiliado pelos padres Juracy Cavalcante e Rui Cavalcante. Logo após a missa chegou de helicóptero o general Rudimar Bayma Deniz, chefe do gabinete militar da presidência da república representando o presidente José Sarney. (BRITO, 2005, p.39).

O cruzeiro foi erguido para simbolizar a cristianidade na criação de Palmas, religião homogênea. Primeiro houve uma celebração religiosa dirigida por padres, posteriormente por pastores, ao que seguiu o pronunciamento de uma representação política nacional. O cruzeiro não é apenas o marco da construção da cidade, mais também é um símbolo religioso.

No centro da praça, de granito cor escuro, alguns detalhes em cobre, puxando um versículo da Bíblia Sagrada contido no Evangelho segundo escreveu o apóstolo João, capítulo três, versículo de número dezessete: “porque Deus enviou o seu filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (BÍBLIA, 2000, p.964). Está o monumento a Bíblia.

Diferentemente do cruzeiro, o monumento à Bíblia foi prestigiado por uma multidão de evangélicos, a maioria absoluta pentecostais. Apenas o arcebispo, acompanhado por um padre e duas freiras, se fizeram presentes na inauguração. Foi realizado um culto de ação de graça pelo monumento à bíblia e uma expressão de agradecimento pelo reconhecimento à importância destes para a cidade. Este monumento foi feito no momento em que os principais veículos de comunicação propagavam Palmas como capital evangélica do Brasil. Alguma relação podemos tecer frente ao assunto, pois ao se construir um monumento no efervescer de uma discussão de Palmas capital evangélica, criou-se uma resistência por parte do povo católico aceitar o monumento como uma expressão apenas cristã; a este o monumento era para os evangélicos.

É interessante observar que não existe um formato de cruz, mas um homem segurando a bíblia. A maioria dos evangélicos ao passarem em frente a um escrito que contenha algumas inscrições bíblicas ou de exaltação ao nome de Deus fará reverência, no entanto, resiste a uma imagem conforme observado em trabalho de campo. O símbolo da bíblia no monumento pouco representa a um evangélico, pois este reverencia, isso sim, o versículo que está escrito no monumento.

Do outro lado da praça, nem católico, nem evangélico, mas uma misticidade inscrita sobre a representatividade de uma cachoeira em um morro a possibilitar uma visão da área sul da cidade.

Com rochas na vertical, no centro geodésico do país, serve para adeptos ao misticismo fazerem suas preces e concentrações. Local onde os espíritas e naturalistas buscam energias positivas para as suas vidas como observado em trabalho de campo no local.

Há uma representatividade das religiões monopolista na praça, demonstrando uma tentativa de passividade entre os povos em suas particularidades religiosas na cidade que nasceu para ser o marco de um novo tempo no Norte de Goiás (Tocantins); o Sol que gira o tempo de um povo; gira as faces de um desigual desenvolvimento do Tocantins.

Ao caminhar sobre a praça, alguém pode se perguntar sobre a história de um povo do local e, para isso, respostas não achará, pois não existe nenhuma representatividade histórica social inscrita sobre os monumentos; tudo é fantasia arquitetônica que inspira sentimentos de neutralidade política e ideológica específica do lugar. Não existem símbolos históricos identificáveis, mas uma abstração no seio de um Estado que foi construído por lutas centenárias pró-movimento divisionista. Não há monumentos de exaltação a nenhum líder do movimento, mas uma artificialidade de cenários.

Contribuindo para nossa análise, Ruskin *apud* Choay (1979) nos sensibiliza a pensar algumas questões, quando ele trata de que a arte é

a revelação de uma verdade transcendente, mais exprime também a vitalidade de uma sociedade. (...). No entanto, quando vocês saem das paredes e percorrem as ruas dos bairros dessa cidade – estou falando de Verona – o olho não tende a se deter nessa paisagem, por mais maravilhosa que seja ele não busca, como aqui, os espaços que se

abrem entre as casas. O coração e os olhos têm muitos o que fazer nas ruas da própria cidade, esse espetáculo basta-lhe. (RUSKIN *apud* CHOAY, 1979, p. 121 e 122).

Este autor afirma que a paisagem é menos importante do que o espetáculo que é a cidade ou o impacto da industrialização sobre as pessoas. Sitte *apud* Choay (1979) afirma ainda o seguinte sobre as praças:

hoje, elas servem no máximo como locais de estacionamento de veículos e não tem nada a ver com as casas que dão para elas. (...) uma multidão agitada não circula mais (...) em resumo, falta animação precisamente nos lugares onde, na antiguidade, ela era mais intensa – perto dos edifícios públicos. (...) e falta quase inteiramente o que constituía seu próprio esplendor – as inúmeras estátuas. (SITTE *apud* CHOAY, 1979, p.208).

A praça dos girassóis é uma praça com monumentos sem significados, uma vez que não há uma relação história/monumento/habitante, mas um modo de conciliar a revolução comunista brasileira por meio do memorial Luis Carlos Prestes ao modo de governo liberal do Palácio Araguaia. Poucas pessoas sabem a história de Prestes e, ainda mais, se existe alguma relação deste líder com o movimento pró-criação da cidade.

O monumento é um tributo aos tenentes que em sua marcha passaram por municípios tocantinenses. Arquetizado por Oscar Niemeyer, é um dos monumentos principais da praça.

Abaixo do memorial Prestes está os guerreiros do monumento do Forte de Copacabana. Pudemos assistir algumas pessoas próximas a este monumento e suas convicções em dizer que se tratava da Guerrilha do Araguaia. O monumento ao Forte de Copacabana não foi dedicado ao povo que lutou contra a Ditadura Militar e, quando as pessoas descobrem que se trata do Forte de Copacabana, a maioria tem uma reação de estranhamento.

Este monumento traz um sentimento de estranhamento da história do lugar (Norte de Goiás), perde o *hic et nunc* da região tocantínia. O monumento representa a Revolução dos 18 do Forte de Copacabana, retratado por 19 soldados, sendo que o que carrega a bandeira brasileira é o tenente José Wilson Siqueira Campos.

No alto da colina está ele, “o templo do poder”, Palácio Araguaia, como se fosse um forte que vigia ou, como afirma Considérant *apud* Choay (1979),

no centro do palácio ergue-se e domina a torre de ordem. Ali é que estão reunidos o observatório, o carrilhão, o telégrafo, o relógio, os pombos-correio, o vigia da noite; é ali que flutua ao vento a bandeira da falange. A torre de ordem é o centro de direção e de movimento das operações industriais do Cantão, ela comanda as manobras com suas bandeiras, sinais, binóculos e porta-vozes, com um general de exército instalado numa alta colina. (CONSIDÉRANT *apud* CHOAY, 1979, p.83 e 84).

De concreto e vidro, decorado com tijolos à vista, ele representa um traço fundamental da arquitetura pós-moderna, o esplendor unido ao funcional. Como afirma Vicentini (2004), ele “é o monumento moderno do poder”. Com 14.000m², o Palácio Araguaia se apresenta como o principal símbolo da cidade de Palmas. Em recente pesquisa, realizada com alunos do Centro de Ensino Médio Tiradentes, em Palmas, constatamos que 90% dos entrevistados afirmaram que este é o monumento que representa a cidade, já os outros 10% afirmaram ser a Avenida Teotônio Segurado e a Praça dos Girassóis.

Para Corrêa (2005), a localização de um monumento no espaço urbano detém poder político. Ter sido o palácio a primeira grande obra da construção da capital possibilitou que este passasse a ser o prédio de referência da cidade.

Discurso e ações, a construção da cidade de Palmas

O foco de análise principal aqui é mostrar os objetivos explícitos e implícitos da construção de Palmas; o sonho, o projeto, a construção e o mito na criação desta cidade. De herói a vilão, do sol aos girassóis. Se o centro de Palmas foi/é uma produção social, o símbolo da cidade é mais para uma obra do estado, não obstante, importante para se entender a consolidação de Palmas.

Palmas não foi/é uma cidade construída ao acaso, ela possui estratégias para uma integração da economia ao capital privado, pois entra com a teoria das privatizações/financiamento internacional. Mas não se pode afirmar que a cidade possui uma economia totalmente voltada para o capital privado, pois ela foi construída com dinheiro público e sempre chamou a responsabilidade do governo federal para sua

parcela de contribuição na construção do Estado e da capital. Com esta estratégia de construção, criou-se o grande slogan: ‘Tocantins, o estado da justiça social e da livre iniciativa’.

Lira (1995) chamou a atenção para a representação das oligarquias agrárias que o Tocantins estava submetido na época da construção de Palmas e fez uma alusão a ‘derrota’ da UDR – União dos Dirigentes Ruralista, e esta derrota se deu pelo fato de a UDR não consolidar a capital em Araguaína.

Palmas foi criada a partir dos anseios de uma classe, ela representa um poder que só é possível ser visto se olhado dentro de um campo social. Ao falarmos de campo social não se negamos a classe social, nem que a cidade deixa de ter uma representatividade de classes, mas que Palmas pode ser lida dentro de um campo social na proposta de Bourdieu (1998). Este é um espaço multidimensional de posições que pode ser definido em função dos volumes de capital de cada indivíduo, delineando, também, um estado de relações de força entre indivíduos objetivamente definidos pela sua posição nestas relações (BOURDIEU, 1998).

Nesta proposta, “qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade” (BOURDIEU, 2004, p.29). Ora,

o campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção (BOURDIEU, 1998, p.12).

Para tanto, “as empresas no caso do campo econômico – criam o espaço, e o espaço só existe (de alguma maneira) pelos agentes que aí se encontram” (BOURDIEU, 2004, p.23). Neste caso, “os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições” (BOURDIEU, 2004, p.29). O campo se realiza a partir das relações estabelecidas no local.

Não se entende a construção simbólica da cidade como um ato de uma simples propaganda, mas como um conjunto de informações, mensagens, representações e capital econômico/financeiro exercendo interesses diversos e contraditórios. Não se teve apenas o papel midiático no processo, antes, tratou-se de um conjunto bem mais complexo, por isso há vinculação da mídia na construção do papel de Palmas no contexto de sua produção política/social/econômica.

O objetivo principal dos governantes pós criação da cidade foi atrair pessoas, possibilitando formar um eficiente mercado consumidor como estratégia de desenvolvimento econômico. Nesta lógica de pensamento, “os 2.750 km² de extensão do Plano Diretor foram traçados em arrojadas linhas arquitetônicas, numa visão futurista capaz de comportar três milhões de habitantes sem causar prejuízos ao meio ambiente” (JORNAL PRIMEIRA PÁGINA, n° 295, 1995, p.03).

Neste sentido, podemos afirmar que o poder das palavras é dado por quem as pronuncia, mais depende de um consenso, porque é uma adesão, ou seja, o símbolo girassol não tem valor em si, mas o valor é estabelecido pelas relações que os sujeitos (moradores de Palmas) estabeleceram em torno deles sobre a praça. Este processo se deu simultâneo à plantação dos girassóis, mas não se deu apenas pelos girassóis, ou seja, pela fonte de origem, mais pelo consenso político que emanou por meio do *marketing* para os emanados que foram os moradores da cidade que compunham o campo de luta, onde “os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura” (BOURDIEU, 2004, p.50).

Entretanto, o poder simbólico passa por metamorfose do tempo, e não será mais a razão do plantar girassol que produzirá o sentimento da Praça dos Girassóis. Não é mais plantar girassol que simboliza o nome da praça, antes, é uma singularidade aceita pelos moradores da cidade induzida por um conjunto de artífices emanado, principalmente, pelo poder público estadual, que se configura na figura do governador Siqueira Campos. Como afirma Souza (2004, p.202), “no caso de Palmas, as campanhas publicitárias reforçaram o papel de Siqueira Campos, como idealizador e realizador do projeto, ao mostrá-lo como o seu centro dinamizador que transformaria a cidade no símbolo do novo Tocantins”.

Em se tratando dos monumentos da praça, estes expressam, de um lado, um consenso religioso e, de outro, uma representação arquitetônica, que guarda em si uma negação das oligarquias políticas do Estado ou da própria história tocantinense. Como afirma Lefebvre (1975), “en la ciudad, el objeto cultural que denominamos monumento recibe y condensa y transmite mensajes. Éstos le llegan por diversos canales de información, y sobre todo por la memória incorporada; el monumento memoriza el tiempo en una permanência” (LEFEBVRE, 1975, p.266).

A familiarização com os monumentos produz uma interiorização inconsciente das regras de produção das obras e, também, um esquecimento. Pela extensão da praça, as dificuldades de aproximação dos monumentos tornam os estranhos à população e fora do seu cotidiano. Quem olha para a praça vê uma exuberância arquitetural e sem significados ideológicos, o que é falsa visão que já está, ela mesma, carregada de conteúdo e mensagens. Pois “cada indivíduo inserido na produção capitalista não passa de um elo informacional que recebe, processa e transmite algum subconjunto de informação necessário às atividades de outros indivíduos, ou do conjunto do subsistema social no qual interage” (DANTAS, 2002, p.142).

Esta leitura serve de apoio para uma afirmação que houve uma construção simbólica de Palmas, como a capital do desenvolvimento do Estado do Tocantins. Barbosa (1999), falando sobre esta cidade, afirma que a sua concepção veio como uma possibilidade de superação da crise econômica que vivia a região Norte Goiana, mas que, na realidade, a cidade tornou-se uma “ilha”, ao chamar o desenvolvimento econômico para si.

Considerações finais

A intenção constitui o produto das normas e das convenções sociais que define objetos técnicos e os objetos artísticos. O paradigma em voga orienta na escolha do que será esta arte, se monumental ou funcional. Mas

a apreensão e a apreciação da obra dependem tanto da intenção do expectador que, por sua vez, é função das normas convencionais que regem a relação com a obra de arte em uma dada situação histórica e social, como da aptidão do espectador em conformar-se a estas normas, vale dizer, de sua competência artística (BOURDIEU, 1982, p.271).

A partir do momento em que um campo artístico se desenvolve simultaneamente a um valor estético da produção e da recepção de uma obra, o artista é levado a fazer valer ao extremo a afirmação do “primado da forma sobre a função, do modo de representação” (BOURDIEU, 1982, p273).

Para Harvey (1989), a organização da cidade sobre a base do plano obedece a um fetichismo e, observando este aspecto na cidade de Palmas, vemos que a Praça dos Girassóis representa o poder que intentaram impor sobre a capital para construir uma cidade milionária, capaz de ser uma capital regional em um curto período de tempo.

Neste norte, os monumentos da praça expressam, de um lado, um consenso religioso e, de outro, uma representação arquitetônica política que guarda em si uma negação das oligarquias políticas do Estado ou da própria história tocantinense. Esse aspecto pode se ver no monumento do Forte de Copacabana, no qual, implicitamente, tem uma exaltação ao ex-governado Siqueira Campos. Neste sentido, Harvey (1989) diz que “os efeitos ideológicos mais bem sucedidos são os que não têm palavras e não pedem mais do que silêncio cúmplice” (HARVEY, 1989, p81).

A familiarização com os monumentos produz uma interiorização inconsciente das regras de produção das obras e também um esquecimento. Pela extensão da praça e as dificuldades de aproximação aos monumentos tornam estes estranhos à população.

Porém, os significados do sol e dos girassóis se dá no sentido de direcionar os objetivos e estratégias para a cidade. O símbolo do sol objetiva, no primeiro momento, o rompimento do atraso em que viveu o Norte de Goiás pelas políticas de isolamento desde o fim do período aurífero. Palmas representava o fim da crise econômica que se estendia desde um século na Região. Mas em um Estado criado sem uma população expressiva e amargando uma tenra imigração, necessariamente as estratégias deveriam ser trocadas e viabilizando implantar uma política capaz de viabilizar uma política de formação de um mercado consumidor. Nada mais significativo do que ter o girassol como símbolo maior.

Não se tratava mais de apenas um rompimento com o atraso econômico, antes, com uma construção de planos que viabilizasse a cidade ser o centro principal de produção e consumo, refletindo nas demais cidades do Tocantins, impulsionando seu crescimento populacional e econômico. Os girassóis que, acompanhando o sol de um novo tempo, podiam inchar a cidade e criar um mercado consumidor e produtor, que impulsionaria novas estratégias de produção de riqueza. As multidões de trabalhadores (girassóis) possibilitariam fazer de Palmas uma cidade nodal na rede urbana e, também, na dinâmica econômica regional.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; o novo espírito científico; a poética do espaço**. Seleção de textos de José A. Tradução de Joaquim J. M. Ramos et al. 2.ed, São Paulo: Abril Cultural, 1984. (os pensadores).

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **As políticas territoriais e a criação do estado do Tocantins**. São Paulo, 1999. (Tese de Doutorado em Geografia, FFLCH – USP).

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Tradução de Denice Bárbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 2.ed, São Paulo: Perspectiva, 1982. (Coleção Estudos). Tradução de Sergio Miceli et al.

BRITO, Eliseu P. de. **A (Re) Produção do Espaço Urbano de Palmas**. Porto Nacional, 2005. Monografia de conclusão do curso de Geografia da UFT.

CHOAY, François. **O urbanismo. Utopias e realidades. Uma antologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979 (Coleção Estudos/urbanismo).

CORRÊA, Roberto Lobato. Monumentos, Política e Espaço. In: **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. (org) Zeny R. e Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p: 9-42.

Enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopedia Britânica do Brasil. Publicações Ltda, 1988.

DANTAS, Marcos. **A lógica do capital – informação: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais**. 2.ed., Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

FRAGOSO, Romualdo G. , et al. **História natural da vida de los animales, de las plantas y de la tierra**. Tomo III, 6.ed, Barcelona: Instituto Gallach de Librería y Ediciones, S.L.

GARCIA, Hamílcar de e NASCENTE, Antenor. **Dicionário Contemporâneo da língua portuguesa**. 5.ed, Lisboa, Portugal: Editora Pinto Basto Cia Ltda, 1970.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 5.ed, São Paulo: Edições Loyola, 1989. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria S. Gonçalves.

JEANNERET, Charles – Edouard. **Planejamento Urbano**. 3.ed, São Paulo: Perspectivas, 1984. (Coleção debates – urbanismo).

JORNAL PRIMEIRA PÁGINA. Ano 10, nº 295, edição de 05-20/10/95. Palmas, 1995.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. 3.ed., Barcelona, 1975.

LIRA, Elizeu Ribeiro. **A Gênese de Palmas-TO**. Presidente Prudente, 1995. (Dissertação de Mestrado em Geografia – UNESP).

SOUZA, Sônia Maria de. Belém-Brasília: abrindo fronteiras no Norte Goiano (atual Tocantins) – 1958 – 1975. In: Odair Giraldin. (Org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. 2.ed., Goiânia: Ed. UFG, 2004.

VICENTINI, Yara. **Cidade e história na Amazônia**. Curitiba: EdUFPR, 2004.

Recebido para publicação em outubro de 2010
Aprovado para publicação em novembro de 2010